

## Contributos da estomaterapia para assistência de enfermagem a pessoa com Estomia Intestinal

Ana Fagundes Carneiro<sup>1</sup>, Ane Raquel de Oliveira<sup>1</sup>, Wanderson Alves Ribeiro<sup>2</sup>, Cristal dos Santos Grassel<sup>1</sup>, Lorena Costa Klein<sup>1</sup>, Miriam Maria Ferreira Guedes<sup>1</sup>, Gabriel Nivaldo Brito Constantino<sup>1</sup>, Tarsila Reis Pinto Pires<sup>1</sup>, Milena Rangel Siqueira<sup>1</sup>, Pietro Henrique Benevides Pedrosa<sup>1</sup>, Daiane Lopes dos Santos<sup>1</sup>, Viviane Cortes Cruz de Souza<sup>1</sup> & Érica Motta Moreira de Souza<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Acadêmico de Graduação em Enfermagem da Universidade Iguazu, Rio de Janeiro, Brasil

<sup>2</sup> Enfermeiro, Mestre e Doutorando pelo Programa Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde pela Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Correspondência: Wanderson Alves Ribeiro, Enfermeiro, Mestre e Doutorando pelo Programa Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde pela Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa pela Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil, e Docente do Curso de Graduação em Enfermagem e Pós-Graduação da UNIG, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: nursing\_war@hotmail.com

Recebido: Abril 09, 2023

DOI: 10.14295/bjs.v3i1.487

Aceito: Setembro 28, 2023

URL: <https://doi.org/10.14295/bjs.v3i1.487>

### Resumo

A estomaterapia é uma especialidade exclusiva da Enfermagem que visa a assistência às pessoas com estomas, lesões e incontinências, nos seus aspectos preventivos, terapêuticos e de reabilitação em busca da melhoria da qualidade de vida. O cuidado prestado por este profissional mediante a situação de ostomia, vai desde o momento de sua indicação até o pós-operatório imediato e tardio ou fase ambulatorial visando a autonomia e reabilitação do paciente. Identificar através da revisão de estudos científicos as contribuições da estomaterapia para a assistência de Enfermagem em pessoas com estomias intestinais. Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica da literatura de abordagem qualitativa do tipo análise reflexiva descritiva. As buscas foram realizadas nas bases de dados BVS e Google Acadêmico entre fevereiro e abril de 2023. Onde foi feito critérios de inclusão e exclusão. Foram selecionados artigos que tinham contexto com os descritores apresentados e com o objetivo deste estudo. Após ser feito a leitura reflexiva, seis pontos foram ressaltados em categoria que são, respectivamente: As características de um polo ou núcleo de pessoas estomizadas; Atribuições do enfermeiro estomaterapeuta; Principais dificuldades elencadas pelo enfermeiro estomaterapeuta par assistência a pessoa com estomia intestinal; As Recomendações do enfermeiro estomaterapeuta para aderência do equipamento coletor; Materiais utilizados para a troca do equipamento coletor; Principais complicações oriundas do estoma intestinal O Polo de pessoas estomizadas é de grande contribuição aos estomizados, tanto por qualificar profissionais, fornecer equipamentos coletores e materiais adjucentes de proteção, como prestar atendimento de qualidade aos estomizados.

**Palavras-chave:** cuidados especiais, estomia, patologia intestinal, patologia.

## Contributions of stomatherapy to nursing care for people with Intestinal Ostomy

### Abstract

Stomal therapy is an exclusive specialty of nursing that aims to assist people with stomas, injuries and incontinence, in its preventive, therapeutic and rehabilitative aspects in search of improving the quality of life. The care provided by this professional through the ostomy situation, goes from the moment of its indication to the immediate and late postoperative or outpatient phase aiming at the autonomy and rehabilitation of the patient. To identify through a review of scientific studies the contributions of stomal therapy to nursing care for people with intestinal ostomies. This is a literature review research of a qualitative approach of the descriptive reflective analysis type. The searches were performed in the BVS and Google Scholar databases between February and April, 2023. Inclusion and exclusion criteria were made. Articles were selected that had context with the descriptors presented and with the objective of this study. After the reflective reading, six points were highlighted in a category, which are, respectively: The characteristics of a pole or nucleus of stomized people; Attributions of the stomal therapist nurse; Main difficulties listed by the stomal therapist nurse for assistance to the person with intestinal stoma;

Recommendations of the stomal therapist nurse for adherence of the collecting equipment; Materials used for the exchange of the collecting equipment; Main complications arising from the intestinal stoma The Polo of stomized people is of great contribution to the stomized, both for qualifying professionals, providing collecting equipment and adjacent protective materials, as well as providing quality care to the stomized.

**Keywords:** special care, ostomy, intestinal pathology, pathology.

## 1. Introdução

A estomaterapia é uma especialidade da Enfermagem voltada para a assistência às pessoas com estomas, lesões e incontinências, nos seus aspectos preventivos, terapêuticos e de reabilitação em busca da melhoria da qualidade de vida. Logo, a especialidade constrói e utiliza um conhecimento extenso e, consequentemente, presta cuidados abrangentes, o que exige um profissional qualificado, adequadamente habilitado e competente (Shoji et al., 2017; de Carvalho et al., 2019).

Em 1980 o conselho diretor do *World Council of Enterostomal Therapists* (WCET) estabelece que a estomaterapia é especialidade exclusiva do enfermeiro, definindo como estomaterapeuta o profissional com conhecimento, treinamento específico e habilidades técnicas para o cuidado com pessoas com estomias, feridas e incontinência urinária e/ou anal, além do grande conhecimento de tecnologias existente no mercado de trabalho (Silva et al., 2019; WCETN, 2023).

A estomaterapia se configura como uma especialização de enfermagem desde 1980, tendo início no Brasil em 1990 pela universidade de São Paulo. Hoje ela é uma especialidade privativa do enfermeiro, no qual ele tem o conhecimento e habilidade para tratar feridas agudas e crônicas, estomias e incontinências (Paula et al., 2019).

No Brasil, o primeiro curso em estomaterapia surgiu em 1990 em São Paulo na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), seguido pela Universidade federal do Ceará em 1999, e o terceiro em 2000 pela Universidade de Taubaté, em São Paulo. A implantação destes cursos foram grande marco na história da Estomaterapia no Brasil, e com a necessidade e procura foram surgindo outros cursos em território nacional (Silva et al., 2019).

Em 1992 foi fundada a Associação Brasileira de Estomaterapia: estomas, feridas e incontinências (SOBEST), associação esta, que tem por objetivo assegurar a divulgação de conhecimentos científicos da especialidade, para assim desenvolver profissionais de forma a capacitá-los e aptos para atender todos aqueles que necessitem de cuidados especializados com excelência, tanto no contexto técnico como no humano (Silva et al., 2019; Wojastyk et al., 2020).

Os cursos de pós-graduação em enfermagem em estomaterapia acreditados pela Sobest® são de alta performance, com cargas teórica e prática equitativas e envolvem as três áreas, paradigmáticas no Brasil: estomias, feridas e incontinência. Todos os cursos têm foco importante nos temas relacionados ao desenvolvimento profissional e no aprendizado contínuo dos participantes (Moraes et al., 2020).

A atuação do estomaterapeuta dentro do ambiente hospitalar é essencial, porém o profissional precisa de um curso de Pós-Graduação em seu currículo para a sua atuação. Duração mínima de 1 ano. (Costa et al., 2019). É uma nova especialidade que vem crescendo dentro da área da saúde onde o foco é o cuidado com pessoas estomizadas que apresentam lesões tegumentares sejam elas, agudas ou crônicas, que apresentam drenos, fistulas, pacientes com incontinência anal e urinária, cujo o objetivo terapêutico é a reabilitação, com uma qualidade de vida melhor (Alves et al., 2020).

A estomaterapia é uma ferramenta de trabalho e tecnologia utilizada no que tange a assistência de enfermagem e se trata de uma especialidade exclusiva do profissional enfermeiro que visa o cuidado a pessoas portadoras de condições crônicas e suas lesões, dentre elas, a ostomia. O cuidado prestado pelo profissional enfermeiro mediante a situação de ostomia, vai desde o momento de sua indicação até o pós-operatório imediato e tardio ou fase ambulatorial visando a autonomia e reabilitação do paciente (Silva et al., 2019).

O enfermeiro estomaterapeuta, especialista em estomaterapia, possui conhecimentos teórico-práticos e habilidades voltadas, sobretudo, para o cuidado de indivíduos estomizados e/ou portadores de feridas agudas e crônicas. Tal profissional representa na prática a aplicação empreendedorismo na área, visto que é uma especialidade relativamente nova, específica da enfermagem e que vem ganhando destaque nos últimos anos. O curso de tem duração de 12 meses (Costa et al., 2019).

Identifica-se que, muitas vezes, os conteúdos relacionados à estomaterapia são discutidos em disciplinas eletivas e/ou em momentos pontuais dentro do currículo formal. Faz-se mister fortalecer as competências dos graduandos

de enfermagem, a fim de que se tenha uma prática clínica com excelência, estando preparados tanto tecnicamente quanto cientificamente para cuidar de pessoas acometidas com problemas relacionados à área da estomaterapia (da Costa et al., 2022).

Diante do exposto, este estudo teve como objetivo, identificar através da revisão de estudos as contribuições da estomaterapia para a assistência de Enfermagem em pessoas com estomias intestinais.

## **2. Material e Métodos**

O estudo tem por perfil, uma análise descritiva e qualitativa do tipo reflexiva, elaborado a partir revisão da literatura sobre os “contributos da estomaterapia para assistência de enfermagem a pessoa com estomia intestinal”.

Para tanto, foi realizada uma revisão narrativa. Os estudos de revisão narrativa são publicações com a finalidade de descrever e discutir o estado da arte de um determinado assunto. Apesar de ser um tipo de revisão que conta com uma seleção arbitrária de artigos, é considerada essencial no debate de determinadas temáticas, ao levantar questões e colaborar para a atualização do conhecimento (Bernardo et al., 2004; Rother et al., 2007).

Desse modo, a revisão foi realizada de forma não sistemática, com busca aleatória do material nas bases de dados da biblioteca virtual de saúde e Google Acadêmico, para responder a seguinte questão: Quais as contribuições da estomaterapia para assistência de enfermagem a pessoa com estomia intestinal? Para a busca dos estudos utilizou-se os descritores “Cuidados; “Estomia”; “Enfermagem”.

Foram selecionados e analisados artigos publicados nos últimos cinco anos, nos idiomas português e que abordassem o tema e no intuito de adquirir maior aprofundamento e aproximação com o objeto de estudo para subsidiar as reflexões. A partir de então, foi realizada uma síntese qualitativa dos trabalhos analisados e considerase que os critérios de busca e seleção estabelecidos foram satisfatórios para atender ao objetivo deste trabalho.

Cabe mencionar que os textos em língua estrangeira foram excluídos devido o interesse em embasar o estudo com dados do panorama brasileiro e os textos incompletos, para oferecer melhor compreensão através da leitura de textos na íntegra.

Por meio do procedimento de busca, foram identificadas 128 publicações com potencial para fundamentar este manuscrito. Após a avaliação dos títulos e resumos, 35 artigos foram considerados para leitura na íntegra e, contemplando os critérios de inclusão, puderam subsidiar a esta reflexão.

A apresentação das explanações e reflexões a serem tecidas se dará na forma de eixos condutores sobre o tema, advindos de interpretações da literatura e também, impressões reflexivas dos autores. Estas interpretações foram dirigidas pela compreensão do tema no contexto do cuidado clínico de Enfermagem subsidiado por leituras, reflexões e discussão dos autores, pautado por seis temáticas: Portaria 400 de novembro de 2009: as características de um polo ou núcleo de pessoas estomizadas; Atribuições do enfermeiro estomaterapeuta; Principais dificuldades elencadas pelo enfermeiro estomaterapeuta par assistência a pessoa com estomia intestinal; Recomendações do enfermeiro estomaterapeuta para aderência do equipamento coletor; Materiais utilizados para a troca do equipamento coletor; Principais complicações oriundas do estoma intestinal.

## **3. Resultados e Discussão**

### *3.1 Categoria 1 - Portaria 400 de Novembro de 2009: as características de um polo ou núcleo de pessoas estomizadas*

No Brasil, foi estabelecido pelo Ministério da Saúde, por meio da Portaria nº 400 de 16 de novembro de 2009, as Diretrizes Nacionais para Assistência à Saúde da Pessoa Ostomizada no âmbito do SUS, garantindo, assim, o atendimento integral e de qualidade, além do fornecimento gratuito de equipamentos coletores e adjuvantes às pessoas com estomias de eliminação (Ruas et al., 2020).

A atenção à saúde de pacientes que são portadores de estomas é regida e garantida pela Portaria nº. 400 de 16 de Novembro de 2009, que assegura a necessidade de cuidados do paciente colestomizados em unidades de atenção básica e em serviços especializados, abrangendo estímulo ao autocuidado, promoção de saúde, prevenção de complicações, fornecimento de equipamentos coletores e adjuvantes, e treinamento de profissionais de Saúde (Mareco et al., 2019).

A Portaria 400/MS, pessoa estomizada é todo aquele que é subordinado a uma intervenção cirúrgica com exteriorização do sistema digestório, respiratório e urinário, criando uma abertura artificial exteriorizado denominado estoma, que surge na vida do ser humano a partir do momento em que este percebe alterações no

funcionamento do seu aparelho intestinal ou urinário e estas levam à necessidade de uma cirurgia (Ribeiro et al., 2019). Essa portaria foi publicada em 2009 e estabeleceu as Diretrizes Nacionais para a criação de Serviços de Atenção à Saúde das Pessoas Ostomizadas (SASPO) no âmbito do SUS Assim, estes serviços especializados possuem a função normativa de realizar acompanhamento, controle e avaliação das pessoas com estomias (da Silva Alonso et al., 2022).

Dentro do polo de estomizados é passível do enfermeiro realizar as devidas orientações para o autocuidado, prevenindo as complicações nas estomias, o polo também fornece os equipamentos coletores e adjuvantes de proteção e segurança, e capacita os profissionais para melhor atender esse núcleo de pacientes (Costa et al., 2019). A lei garante que o atendimento se inicia com o cadastro do paciente estomizado, visando ao recebimento de equipamentos coletores e materiais adjuvantes, sendo também agendada a primeira consulta do usuário para a avaliação com o enfermeiro estomaterapeuta (Paczek et al., 2022).

### *3.2 Categoria 2 - Atribuições do enfermeiro estomaterapeuta*

A estomaterapia é uma especialidade exclusiva do enfermeiro. O profissional dessa área atua no cuidado da pessoa com estomias, feridas agudas ou crônicas, fistulas, cateteres, drenos e incontinências (Costa et al., 2020). O profissional da saúde mais próximo da pessoa com estomia e de sua família é o enfermeiro, que deve atuar como elo entre a pessoa idosa, a família e a equipe multiprofissional. Nesse sentido, os profissionais da saúde devem estar capacitados para assistência às diversas demandas de cuidado dessa população específica, para que no atendimento e acompanhamento sejam efetivos, integrais e, sobretudo, humanizados, visando sempre à melhora da qualidade de vida (Santana et al., 2022).

O enfermeiro estomaterapeuta tem dentre as suas atribuições onde possui conhecimento e habilidades para tratar de suas feridas, fistulas, cateteres, drenos etc, dos pacientes estomizados, ele pode atuar também em áreas de pesquisa, campos de ensino, administração, vendas e consultorias. É uma especialidade que está crescendo muito no Brasil e muitos estão buscando qualificação nesta área (Costa et al., 2020).

Nesse sentido, o enfermeiro estomaterapeuta tem um importante papel a exercer além do tratamento em si executado por ele, o mesmo deve ser um educador, realizando orientações a esse paciente, afim de que o paciente entenda que a não realização do tratamento e autocuidado com o estoma pode levar a não eficácia do tratamento causando futuras lesões e complicações na sua recuperação, por isso as orientações devem ser passadas e repassadas sempre que necessário para a eficácia do tratamento (Moraes et al., 2019).

Como enfermeiro, o mesmo tem dentre as suas atribuições observar sinais flogísticos, realizar a avaliação dos gases, aspecto fecal dentro da bolsa, tanto a higienização realizada pelo paciente de forma que esteja sendo realizada corretamente, afim de evitar complicações no estoma e na pele perístoma. O enfermeiro deve atuar prevenindo e detectando possíveis complicações que no paciente possa vir a ter (Rodrigues et al., 2019).

O enfermeiro estomaterapeuta possui conhecimentos específicos para o cuidado às pessoas com feridas, estomias, incontinência anal e urinária, fistulas, drenos e cateteres. O enfermeiro estomaterapeuta vem ganhando destaque por ser um profissional capacitado para executar e orientar cuidados de forma sistematizada e eficaz (Rodrigues et al., 2022). O cuidado do estomaterapeuta implica na manutenção da perfusão tissular e preservação dos tecidos viáveis, manutenção da ferida limpa e úmida, prevenção de infecções e proteção contra traumas, promoção da cicatrização, mantendo a mobilidade e funcionamento da parte afetada (Cavalcanti et al., 2022).

Destaca-se também a importância do estomaterapeuta na reabilitação da pessoa com incontinência, o qual vem ganhando cada vez mais espaço na prática clínica. De tal modo é a exigência do mercado de trabalho, a permanência de profissionais qualificados, empoderados e proativos, com a competência para rapidamente incorporar tecnologias e dar soluções às complexas questões dos processos de produção em saúde (Costa et al., 2020).

### *3.3 Categoria 3 - Principais dificuldades elencadas pelo enfermeiro estomaterapeuta par assistência a pessoa com estomia intestinal*

As dificuldades apreendidas foram relacionadas à inadequação da estrutura física e à escassez de recursos financeiros, materiais e humanos, além desses fatores, considerou-se que a formação e a qualificação dos enfermeiros são elementos de entrave para um processo educativo que visem um autocuidado abrangente, por estarem fundamentados em conteúdo puramente biomédico, não incluindo orientações que visassem as necessidades psicossociais dos pacientes (Wojastyk et al., 2020; Santana et al., 2022).

Estudos revelaram que há uma prevalência sobre as respostas que permearam os equipamentos dispensados pelo serviço, o qual na visão dos participantes não consideram a necessidade de cada doente durante o fornecimento do material coletor. Diante disso percebe-se que há dificuldades e essas dificuldades interferem no processo de adaptação desses pacientes por principalmente não estarem com equipamentos adequados a sua necessidade (Tanaka et al., 2021; Santana et al., 2022).

A maioria dos profissionais não possuem conhecimento quanto às complicações e nem tão pouco tem treinamento e cursos na área. Portanto, isso dificulta o processo de ensino do autocuidado ao paciente, pois tem o déficit de conhecimento do enfermeiro sobre o assunto (de Souza Santos et al., 2017).

A acessibilidade à assistência perioperatória especializada possibilita a confecção da estomia favorável ao autocuidado, com demarcação de estomia para prevenção de suas complicações e de pele periestoma no pós-operatório, facilitando o aprendizado dos cuidados específicos. Mas, nem sempre se tem à assistência especializada onde gera complicações relacionada a um cuidado errôneo, por falta de educação em saúde ao paciente (Sasaki et al., 2021).

Um dos fatores desse problema é a dificuldade em reconhecer suas próprias necessidades em saúde, rejeitando a possibilidade de adoecer, mantendo uma questão cultural de invulnerabilidade de provedor e super-herói. Outro fator é a questão que os horários atendimento nas unidades de saúde coincidem com a jornada laboral dos trabalhadores, dificultando o acesso aos serviços (Santana et al., 2022).

### *3.4 Categoria 4 – Recomendações do enfermeiro estomaterapeuta para aderência do equipamento coletor*

Quando se trata da aparência das fezes e da durabilidade da bolsa, não existe um momento específico para trocar de equipamento. Porém, é importante saber que a atividade da água e a natureza do esgoto podem reduzir o tempo de residência da bolsa. É comum que os pacientes com ileostomia demorem em média de 3 a 4 dias para fazer a reposição, pois quanto mais secreção tiverem, mais rápido o adesivo da bolsa (resina hidrocoloide) satura (Lopes et al., 2021).

Para aqueles com colostomia com fezes mais duras, 5 dias em média é um bom período para manter o equipamento. Como a pele deve estar intacta, saudável e nas mesmas condições do resto do corpo, recomenda-se que no dispositivo de amostragem utilizado, não fique preso à pele por mais de 7 dias conforme descrito por Aguiar et al. (2019). A bolsa coletora deve ser esvaziada sempre que atingir 1/3 do seu espaço de armazenamento. Se a bolsa estiver bem aderida pode permanecer sobre a pele pelo período entre 5 e 7 dias, podendo ser trocada antes caso aja necessidade, se apresentar o descolamento das bordas por exemplo complementa Paczek et al. (2022) em seu estudo, corroborando com Aguiar et al. (2019).

Na consulta de enfermagem acontece a troca do dispositivo coletor que deve permanecer aderido por no mínimo 24h e no máximo 6-7 dias. Também é avaliado o estoma, escuta ativa, reavaliação das quantidades de equipamento coletor e adjuvantes para a realização do autocuidado, visita domiciliar, outras atividades contempladas são a contagem de materiais realizada no início do mês, solicitação de materiais para o mês consecutivo, escala de tarefas e supervisão dos funcionários (Reis et al., 2020).

As ações específicas de autocuidado do estomizado são baseadas em três fatores: a higiene do estoma e pele periestoma, a observação do estoma e pele periestoma e os cuidados com o sistema coletor. Quanto não acontece a troca correta do dispositivo coletor pode ocorrer: A dermatites que são caracterizadas por lesões agudas ou crônicas, primárias ou secundárias, com perda de integridade da pele periestoma, e as alterações dermatológicas mais frequentes são: eritema ou irritação, erosão, pústulas e até ulcerações (de Carvalho et al., 2019).

Lamentavelmente, as principais dificuldades apresentadas pelas pessoas estomizadas são relacionadas as ações fundamentais como limpeza da bolsa (retirada das fezes), recorte da placa, troca da bolsa ou anel moldável. Tal fato demonstra uma deficiência no processo de ensino aprendizagem, que deve ser iniciado na fase pré-operatória, incluindo a demarcação para confecção do estoma intestinal (Ribeiro et al., 2022).

O tempo médio de estomizado foi de 53,9 meses (desvio padrão de 60,6) e o tempo médio para sentir-se confortável com a estomia foi de 214,0 dias (desvio padrão = 315,0). Trinta e oito (39,6%) pessoas tiveram boa adaptação à estomia, 65 (67,7%) tiveram dificuldade para o autocuidado e 48 (50,0%) limitação para realizar atividades diárias (Ribeiro et al., 2022).

A substituição do dispositivo pode e deve ser planejada para evitar derramamentos acidentais. Sua substituição geralmente está associada ao desgaste da resina à base de adesivo, que é a parte que adere à pele abdominal. Para as trocas, é importante definir uma área tranquila e bem iluminada e organizar rapidamente os materiais necessários.

Pode-se citar como materiais, o sistema coletor de uma ou duas peças, a pinça para fechar a bolsa se necessário, o medidor da estomia (Santana et al., 2022).

O paciente deve colocar os materiais em ordem próxima ao espelho, onde ocorre a troca. Em seguida, remover cuidadosamente a base adesiva usando um pano ou gaze umedecido com água. Limpar a pele ao redor do estoma com um leve movimento, podendo repetir o movimento quantas vezes forem necessárias (Ferreira et al., 2017).

Secar a pele ao redor do estoma com movimentos suaves e usar um medidor de estoma para determinar o tamanho exato do seu estoma. Usando as medidas tiradas no gabarito de ostomia, desenhe o gabarito na parte de trás da base adesiva. Corte a base adesiva e teste-a no estoma para ver se o corte se ajusta ao tamanho do estoma. Retire o papel da parte de trás da base adesiva. Use as pontas dos dedos para aplicar a base em movimentos circulares para uniformizar a pele. Por fim, encoste o fundo da borda do saco no fundo da base adesiva e enrole a abertura do saco ao redor do clipe de fechamento para fechá-lo (Lopes et al., 2021).

O paciente ou cuidador deve sempre lavar as mãos antes e após o manuseio da bolsa, separar antes o material que será utilizado, retirar com cuidado o coletor para não lesionar a pele, podendo utilizar de tecido com água para melhor facilitar a sua remoção ou até mesmo podendo ser retirado durante o banho. Desprezar corretamente o coletor em local específico. A limpeza da pele ao redor do estoma deve ser feita delicadamente com água corrente e sabão neutro sem esfregar, realizar o secamento da pele ao redor do estoma, mensurar o local do estoma e efetuar o corte na nova bolsa coletora, deve se aderir primeiro de baixo para cima, não permitindo que aja pregas e bolhas para não haver vazamentos do conteúdo posteriormente, certificar-se de a bolsa estar aderida bem a pele (Ribeiro et al 2020).

O autocuidado desenvolvido pelo paciente permite uma maior independência e autonomia e tem papel significativo na adaptação fisiológica, psicológica e social de si próprio e para sua família no processo de viver com um estoma. Instrua o paciente a lavar a bolsa coletora com água e sabão neutro, a medir o diâmetro do estoma e a cortar a placa adesiva do saco para se ajustar ao tamanho do estoma (Ferreira et al., 2017).

No que se refere à aquisição de bolsas e de materiais para realizar a troca do dispositivo coletor, as famílias adquirirão esses dispositivos exclusivamente ou pelo Sistema Único de Saúde (SUS), ou pelas associações de pessoas com estomias ou com câncer. A principal dificuldade dos estomizados se refere a cortar a bolsa para se ajustar ao tamanho do estoma (Simon et al., 2020).

O estudo supracitado ainda recomenda que, o paciente organize o material no local onde vai fazer a troca, próximo a um espelho pode ajudar. Retire delicadamente a base adesiva no banho ou com a ajuda de um pano ou gaze umedecida com água. Limpe a pele ao redor da estomia com gases úmidos com água, com movimentos suaves (Simon et al., 2020).

### *3.5 Categoria 5 - Materiais utilizados para a troca do equipamento coletor*

O equipamento coletor para as estomias intestinais, também conhecido por bolsa coletora, é composto basicamente de duas partes: a base, parte adesiva que se cola no abdômen para permanecer aderida, e a parte plástica no formato de bolsa, que coleta o efluente eliminado pelo estoma. A base adesiva pode ser pré-cortada, recortável ou moldável. A base pré-cortada apresenta orifício central de diversos tamanhos, escolhido conforme o diâmetro da estomia, a base recortável permite que seja feito o tamanho e formato exato da estomia com auxílio da tesoura e a moldável, isto é, a base tem orifício central que pode ser aumentado para se moldar em torno da estomia com auxílio dos dedos das mãos. A placa também pode ser plana ou convexa, que é recomendada para estomia plana ou retraída (Mareco et al., 2019; Seifert et al., 2023).

O profissional de enfermagem, por sua vez, deve atuar nas intervenções educacionais e acompanhamento, com medidas de orientação acerca do uso da bolsa, sua colocação, equipamento adequado, assim como amparar os potenciais impactos sociais que o indivíduo poderá enfrentar. Outros sim, em um estudo refere-se uma diminuição significativa de vazamento frequente da bolsa e da irritação da pele periestoma mediante uma aula do grupo de intervenção educativa (Feitosa et al., 2022).

Existem diferentes materiais de bolsas que serão colocadas sobre o estoma para recolhimento das fezes. Em geral, todas têm uma parte adesiva que aderem à pele em volta do estoma. As bolsas coletoras podem se classificar, quanto ao esvaziamento, em não drenáveis (fechadas) e drenáveis; como também, quanto ao sistema, em uma ou duas peças. A bolsa é ofertada pelo SUS. Materiais utilizados: bolsa de colostomia, a placa, clip para a bolsa, gases, SF 0,9%, solução para remoção do adesivo e solução protetora da pele (Mareco et al., 2019).

### 3.6 Categoria 6 – Principais complicações oriundas do estoma intestinal

As complicações locais podem ocorrer tanto no pós-operatório imediato, precoce ou tardio. A Pessoa submetida à cirurgia torna-se portador de estoma e com isso há possibilidade desenvolver complicações. Dentre os tipos de complicações, foram citados os seguintes eventos: abscessos, dermatites, edema, estenose, foliculite hemorrágica, hérnia periestomal, necrose, prolapso e retração (Mareco et al., 2019; Ambe et al., 2023).

Ressalta-se que, o prolapso é a exteriorização inesperada total ou parcial do segmento da alça intestinal pelo estoma. Retração: ocorre devido à má fixação ou insuficiente exteriorização da alça intestinal levando ao deslocamento do estoma para a cavidade abdominal. As dermatites peristomas estão associadas ao contato das fezes com a pele abdominal (Caetano et al., 2019).

A manutenção da integridade da pele periestoma é de extrema importância, considerando sua função primordial de barreira física contra agentes externos prejudiciais, incluindo microrganismos. A dermatite periestoma é a causa mais frequente de perda da integridade da pele em pessoas com estomias, apresentando-se com alterações dermatológicas como eritema, erosão, pústulas e, em casos mais graves, úlceras (Santana et al., 2021).

Nesse sentido, cabe mencionar que a estenose é o que acontece quando o tecido em volta do estoma vai se cicatrizando e acaba deixando o estoma estreito. Esse tecido pode se desenvolver após separação mucocutânea ou se abertura abdominal estiver muito pequena. Se a estenose ocorrer, deve-se entrar em contato com seu médico ou enfermeiro, ele pode dilatar seu estoma usando um dilatador, ou pode lhe encaminhar para o cirurgião para remodelar o estoma (Mourão et al., 2021).

A pessoa com estoma intestinal também pode apresentar Edema estomacal que, refere-se ao edema da mucosa estomacal, que se manifesta como vários graus de edema da mucosa da enterostomia e é a complicação mais comum após a enterostomia. O edema pós-operatório inicial é vermelho pálido, translúcido, de textura forte e a cor varia da rosa ao vermelho escuro. É causada principalmente por distúrbio de refluxo sanguíneo, sem sintomas, edema leve pode se recuperar espontaneamente após 6-8 semanas (de Jesus et al., 2022).

## 4. Conclusões

O Polo de pessoas estomizadas é de grande contribuição aos estomizados, pois conta com enfermeiros especializados que prestam orientações necessárias para o autocuidado, o que viabiliza prevenir, deste modo, possíveis complicações acerca dos estomas. Além disso, não só o núcleo fornece os equipamentos coletores e outros materiais adjuvantes de proteção e segurança, como também o polo que, além de tudo isso, treina profissionais para prestar um atendimento de qualidade a essa parcela populacional.

O estomaterapeuta tem conhecimentos que são fundamentais e especializados para o cuidado de pessoas não só estomizados, mas também com feridas, drenos, cateteres e incontinência anal e urinária, por exemplo. Além da assistência, este profissional também tem papel de educador, orientando o correto manuseio e cuidado evitando agravos por uso incorreto.

Além do que foi supracitado, pôde-se constatar que o Estomaterapeuta tem grande dificuldade na prestação de serviço. Tal fato está ligada à falta de recursos financeiros, materiais físico e de pessoas devidamente treinadas e qualificadas. Portanto, é notável as contribuições do estomaterapeuta na assistência de Enfermagem ao estomizado, haja vista que sua ação, seja no cuidar, seja como educador, melhora não só a qualidade de vida do paciente, como também viabiliza um melhor atendimento e possibilita uma maior independência do mesmo.

## 5. Contribuições dos autores

*Wanderson Alves Ribeiro*: orientação para confecção do estudo. *Ana Fagundes Carneiro*: construção da introdução. *Érica Motta Moreira de Souza*: construção da metodologia e formatação. *Gabriel Nivaldo Brito Constantino*: construção do tópico 3.1 e revisão e tradução. *Viviane Cortes Cruz de Souza*: construção do tópico 3.1. *Daiane Lopes dos Santos*: construção do tópico 3.2. *Ane Raquel Oliveira*: construção do tópico 3.3. *Pietro Henrique Benevides Pedrosa*: construção do tópico 3.4. *Loren Costa Klein e Tarsila Reis Pinto Pires*: revisão textual do manuscrito. *Cristal dos Santos Grassel e Milena Rangel Siqueira*: leitura reflexiva. *Miriam Maria Ferreira Guedes*: seleção dos artigos com base nos critérios de inclusão e exclusão.

## 6. Conflitos de interesses

Não há conflitos de interesses entre os autores.

## 7. Aprovação ética

Não aplicável.

## 8. Referências

- Aguiar, F. A. S. D., Jesus, B. P. D., Rocha, F. C., Cruz, I. B., Andrade Neto, G. R. D., Rios, B. R. M., & Andrade, D. L. B. (2019). Colostomia e autocuidado: significados por pacientes estomizados. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, 105-110. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1006069>
- Alves, V. F. D., Cerqueira, M. G., & de Oliveira Muniz, V. (2020, December). Estomaterapia e sua ascensão na assistência de enfermagem. *In: Congresso Paulista de Estomaterapia*. <https://anais.sobest.com.br/cpe/article/view/14> Acesso em: 20 Abr 2023;
- Ambe, P. C., Brunckhorst, E., Hasen, H. D., Gotfredsen, J. L., Vestergaard, M., & Ajslev, T. A. (2023). Effect of a novel digital leakage notification system (Heylo) for ostomy care on quality of life and burden of living with an intestinal ostomy: The ASSISTER trial, A randomized controlled cross-over trial. *Mayo Clinic Proceedings: Digital Health*, 1(3), 438-449. <https://doi.org/10.1016/j.mcpdig.2023.06.013>
- Bernardo, W. M., Nobre, M. R. C., & Jatene, F. B. (2004). A prática clínica baseada em evidências: parte II-buscando as evidências em fontes de informação. *Revista Brasileira de Reumatologia*, 44, 403-409. <https://www.scielo.br/j/rbr/a/p3kYDSB6g3xW8jVYTDG9CQP/>
- Caetano, M. G. (2019). Avaliação do perfil de pacientes enterostomizados em hospital geral de urgência de Sergipe. <https://ri.ufs.br/handle/riufs/12959>
- Cavalcanti, O. A. L., Araripe, S. M. A., Da Rocha, M. V., Bonfim, A. D. A. C., Queiróz, D. T. G., & Leontsinis, C. M. P. (2022). Atuação do enfermeiro estomaterapeuta em um centro de tratamento de queimados de um hospital referência em trauma: Um relato de experiência. *In: Congresso Paulista de Estomaterapia*. <https://anais.sobest.com.br/cpe/article/view/150>
- Costa, C. C. P. D. (2019). Ensino da estomaterapia e suas repercussões para os egressos inseridos no mundo do trabalho. <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/11109>
- Costa, C. C. P. D., Souza, N. V. D. D. O., Peres, E. M., Vieira, M. L. C., Santos, J. C. D., & Cardoso, R. S. P. (2020). Os sentidos de ser enfermeiro estomaterapeuta: complexidades que envolvem a especialidade. *Estima (Online)*, e0620-e0620. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1099472>
- Da Costa, C. C. P., da Silva, K. M. F. R., dos Santos Pereira, C. D., Machado, T. M. V. C., de Oliveira Souza, N. V. D., de Jesus, P. B. R., & de Oliveira, C. R. (2022). Abordagem do conteúdo de estomaterapia nos cursos de graduação em enfermagem: reflexões a partir de um projeto de extensão. *Global Academic Nursing Journal*, 3(3), e321-e321. <https://globalacademicnursing.com/index.php/globacadnurs/article/view/427>
- Da Silva Alonso, C. S., Borges, E. L., Moraes, G. L., & Spira, J. A. O. (2022). Prevalência de pessoas com estomias em uma microrregião em saúde do norte de Minas Gerais. *Epitaya E-books*, 1(25), 209-225. <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/589>
- De Carvalho, B. L., da Silva, A. D. N. B., Rios, D. R. S., Lima, F. E. S., dos Santos, F. K. V., Santana, F. L. F., & Ferreira, K. D. P. (2019). Assistência de enfermagem a pacientes com estoma intestinal. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, (24), e604-e604. <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/604>
- De Jesus, P. B. R., Rodrigues, G. D. S., De Souza, J. P. B., Reis, H. C. D. S. B., Barbosa, S. M., & Dos Reis, J. A. (2022). Complicações em pacientes submetidos a estomas intestinais: Estudo de revisão. *In: Simpósio Brasileiro de Estomaterapia Norte-Nordeste*. <https://anais.sobest.com.br/sben/article/view/319>
- Feitosa, M. E. E., Sampaio, L. R. L., do Nascimento, M. M. X., Penha, S. E. M., Oliveira, V. A. D. A., & da Silva, A. C. O. (2022). Prevenção de lesão periestoma: Uma revisão de literatura. *In: Congresso Paulista de Estomaterapia*. <https://anais.sobest.com.br/cpe/article/view/178>
- Ferreira, E. D. C., Barbosa, M. H., Sonobe, H. M., & Barichello, E. (2017). Self-esteem and health-related quality of life in ostomized patients. *Revista brasileira de enfermagem*, 70, 271-278. <https://www.scielo.br/j/reben/a/QTXVJk3NMHTTfrZQQtfzGQ/abstract/?lang=en>
- Lopes, A. P. M., Silva, M. S., Franco, I. C. C., Junior, M. D. F., Soares, A. S., Martins, D. D. S., & Silva, E. A. M. (2021). Cartilha de orientação para responsáveis e cuidadores de pacientes com traqueostomia e gastrostomia.



<https://editorapascal.com.br/wp-content/uploads/2022/07/CARTILHA-DE-ORIENTA%C3%87%C3%83O-PARA-RESPONS%C3%81VEIS-E-CUIDADORES-DE-PACIENTES-COM-TRAQUEOSTOMIA-E-GASTROSTOMIA.pdf>

- Mareco, A. P. M., Pina, S. M., & Farias, F. C. (2019). A importância do enfermeiro na assistência de pacientes com estomias intestinais. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*. <https://revistarebis.rebis.com.br/index.php/rebis/article/view/21>
- Moraes, J. T., Silva, A. E., Gontijo, T. L., Ribeiro, R. F., & Faria, R. D. G. S. (2019). Avaliação do impacto da capacitação no trabalho para o cuidado de pessoas com estomias. *Enfermagem em Foco*, 10(3). <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1810>
- Moraes, J. T., Santos, V. L. C. G., Dantas, S. R. P. E., & Paula, M. A. B. (2020). Cursos de estomaterapia acreditados para uma formação de excelência. *Brazilian Journal of Enterostomal Therapy*, 18, e0420. [https://doi.org/10.30886/estima.v18.866\\_PT](https://doi.org/10.30886/estima.v18.866_PT)
- Mourão, L. F., Costa, M. L. P., de Lima, L. G., da Silva, L. P., & Marques, A. D. B. (2021). Principais complicações de estoma e pele periestoma no estado do Ceará. *In: Congresso Paulista de Estomaterapia*. <https://anais.sobest.com.br/cpe/article/view/137>
- Paczek, R. S., Oliveira, T. K. D., Passberg, L. Z., Tanaka, A. K. S. D. R., & Lana, L. D. (2022). Instrumento para implementação do processo de enfermagem na consulta à pessoa com estomia: um relato de experiência. *Ciência Cuidado & Saúde*, 21, e59744. <http://doi.org/10.4025/ciencuccidsaude.v21i0.59744>
- Paczek, R. S., Ness, M. I., Davi, R. L., & Tanaka, A. K. S. D. R. (2022). Vivência durante estágio obrigatório em ambulatório municipal de cuidados à pacientes com estomia. *In: Congresso Paulista de Estomaterapia*. <https://anais.sobest.com.br/cpe/article/view/188>
- Paula, M. A. B., Ribeiro, S. L. S., & de Gouveia Santos, V. L. C. (2019). Quem são e onde estão os enfermeiros especialistas em estomaterapia no Brasil? <https://pdfs.semanticscholar.org/7bd3/f32801d9c7a740ad9b693443c7de81228f20.pdf>
- Reis, B. L., da Silva Brandão, E., Tonole, R., & de Moraes, É. B. (2020). Dificuldades apresentadas por pessoas com estoma intestinal durante autocuidado: revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 9(11), e55891110183. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/10183>
- Ribeiro, J. P. D. C., Cavalcante, L. D. C., dos Santos, L. T., & de Araújo, A. H. I. M. (2022). Cuidados de enfermagem ao paciente com câncer colorretal em uso de bolsa de colostomia: revisão de literatura. *Revista de Divulgação Científica Sena Aires*, 11(4), 504-514. <http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/942>
- Ribeiro, W. A., Andrade, M., Júnior, J. C. F., Cirino, H. P., Teixeira, J. M., & de Oliveira, R. L. A. (2020). Delineamento de pacientes do núcleo de atenção à saúde da pessoa estomizada: um estudo descritivo do estomizado intestinal. *Revista Pró-UniverSUS*, 11(1), 38-45. <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/2211>
- Ribeiro, W. A., Andrade, M., de Souza Couto, C., da Silva Souza, D. M., de Moraes, M. C., & Santos, J. A. M. (2019). As contribuições do enfermeiro no autocuidado ao paciente estomizado. *Revista Pró-UniverSUS*, 10(1), 72-75. <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/1683>
- Rodrigues, C. F., Bezerra, S. M. G., & Silva, A. P. D. O. (2022). Assistência do enfermeiro estomaterapeuta em um hospital público: Relato de experiência. *In: Simpósio Brasileiro de Estomaterapia Norte-Nordeste*. <https://anais.sobest.com.br/sben/article/view/288>
- Rodrigues, H. A., Bicalho, E. A. G., & Oliveira, R. F. (2019). Cuidados de enfermagem em pacientes ostomizados: uma revisão integrativa de literatura. *Psicologia e Saúde em debate*, 5(1), 110-120. <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/V5N1A9>
- Rother, E. T. (2007). Revisión sistemática X revisión narrativa. *Acta paulista de enfermagem*, 20(2), vii. <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?lang=es>
- Ruas, A. M. L. (2020). Comparação do custo entre o uso de dispositivos/adjuvantes e irrigação intestinal em pessoas com colostomia definitiva. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/44530>
- Santana, L. G. H., Carvalho, B. S., Sarah, T. L., da Silva Machado, R., Martins, T. M., Silva, E. V., & Zanoni, R. D. (2022). Cuidados ao paciente com colostomias: Desafios e perspectivas do profissional da área da saúde. *Research, Society and Development*, 11(12), e407111234796.

<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/34796>

- Santana, L. S., Nunes, M. L. G., & Santos, V. L. C. D. G. (2021). Dor em dermatite periestoma. *In: Congresso Paulista de Estomaterapia*. Recuperado de: <https://anais.sobest.com.br/cpe/article/view/135>
- Santos, C. R. S., de Souza Corrêa, Â. C., & da Silva, D. (2017). Conhecimento de enfermeiras do Programa de Estratégia Saúde da Família sobre estomias intestinais e urinárias. *Estima–Brazilian Journal of Enterostomal Therapy*, 15(3). <https://www.revistaestima.com.br/estima/article/view/546>
- Sasaki, V. D. M., Teles, A. A. D. S., Silva, N. M., Russo, T. M. D. S., Pantoni, L. A., Aguiar, J. C., & Sonobe, H. M. (2021). Autocuidado de pessoas com estomia intestinal: para além do procedimental rumo ao alcance da reabilitação. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 74(1), e20200088. <http://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0088>
- Seifert, S. K. M., Morais, F., Pereira, L. A., & Sponton, E. S. (2023). Algorithm for indication of collector equipment for stomas. *Brazilian Journal of Enterostomal Therapy*, 21, e1311. [https://doi.org/10.30886/estima.v21.1311\\_IN](https://doi.org/10.30886/estima.v21.1311_IN)
- Shoji, S., Oliveira Souza, N. V. D., Maurício, V. C., Costa, C. C. P., & Alves, F. T. (2017). Ocuidado de Enfermagem em estomaterapia e o uso das tecnologias. *Revista da Associação Brasileira de Estomaterapia: estomias, feridas e incontinências - ESTIMA*, 15(3), 169-177. <https://doi.org/10.5327/Z1806-3144201700030008>
- Silva, M. D. D. O. D. (2019). A estomaterapia no mercado de trabalho. <http://repositorio.unitau.br/jspui/handle/20.500.11874/4934>
- Simon, B. S., Budó, M. D. L. D., Oliveira, S. G., Garcia, R. P., Dalmolin, A., & Girardon-Perlini, N. M. O. (2020). A família no cuidado à pessoa com estomia de eliminação: funções da rede social The family in the care of people with an ostomy of elimination: functions of the social network. La familia en el cuidado de la persona con estoma de eliminación: funciones de la red social. <https://pdfs.semanticscholar.org/6fc5/0a5ca21f423adc3e6c9198824a860f14e7ba.pdf>
- Tanaka, A. K. S. R., Paczek, R. S., Brum, B. N., Brito, D. T., Alexandre, E. M., Agostini, A. G. F. (2021). Adaptation of the stomatherapy service during the COVID-19 pandemic: an experience report. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 42, e20200214. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200214>
- WCET. (2023). World Council of Enterostomal Therapists. Disponível em: <https://wecten.org/>. Acesso em: 01 de set de 2023.
- Wojastyk, L. D. M. C., Paula, M. A. B., Prado, M. N. B. (2020). Stomatheraphy: influences and repercussions on the professional career. *Revista da Associação Brasileira de Estomaterapia: estomias, feridas e incontinências – ESTIMA*, 18, e2020. [https://doi.org/10.30886/estima.v18.883\\_IN](https://doi.org/10.30886/estima.v18.883_IN)

#### **Financiamento**

Não aplicável.

#### **Declaração do Conselho de Revisão Institucional**

Não aplicável.

#### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Não aplicável.

#### **Copyrights**

Copyright for this article is retained by the author(s), with first publication rights granted to the journal.

This is an open-access article distributed under the terms and conditions of the Creative Commons Attribution license (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>).